



Literatura e realidade: face negativa do capitalismo em Admirável Mundo Novo, de Aldous Huxley

Literature and reality: the negative face of capitalism in Aldous Huxley's Brave New World

Mateus José Ribeiro¹
Maria Cristina Barbosa Pereira²
Maria Durciane Oliveira Brito³

RESUMO

A literatura, como arte, é uma das formas de imitação, representação e até mesmo prenúncio do por vir na realidade. A obra Admirável Mundo Novo, de Aldous Huxley, é um exemplo desse tipo de manifestação artística. Poder-se-ia dizer que o enredo dela trata das características de um estado totalitário, mas uma análise mais apurada mostra que vai além disso, há também representações de lados negativos do sistema capitalista que se mostram atualmente. Para provar essa afirmação, primeiramente expomos trechos do livro, comparando-o com a atual conjuntura, em seguida mostramos como se dão os sistemas fordista/taylorista e toyotista como modos dominantes de produção e influência sobre a sociedade e fazemos a análise da contribuição de autores críticos do sistema capitalista.

Palavras-chave: Literatura; Admirável Mundo Novo; Face negativa do capitalismo.

ABSTRACT

Literature, as art, is one of the forms of imitation, representation, and even foreshadowing of what is to come in reality. Aldous Huxley's Brave New World is an example of this kind of artistic manifestation. One could say that its plot deals with the characteristics of a totalitarian state, but a closer analysis shows that it goes beyond this, there are also representations of the negative sides of the capitalist system that are being shown today. To prove this statement, we first expose excerpts from the book, comparing it to the current conjuncture, then we show how the Fordist/Taylorist and Toyotist systems are seen as dominant modes of production and influence on society, and we analyze the contribution of authors critical of the capitalist system.

Keywords: Literature; Brave New World; Negative side of capitalism.

INFORMAÇÕES

Histórico do Artigo:

Submetido: 01/10/2022

Aprovado: 10/01/2023

Publicação: 26/01/2023



¹ Especialista em Linguagens, suas Tecnologias e o Mundo do Trabalho pela Universidade Federal do Piauí. Professor da Rede Estadual de Educação do Estado do Maranhão. mateusprimeiroosteus@hotmail.com

² Especialista em Metodologia do Ensino da Matemática nas Séries Iniciais pela Isepro. Professora da Rede Estadual de Educação do Estado do Piauí. cristinapereirabp4@gmail.com

³ Mestranda em Ciências da Educação pela Universidad Tecnológica Intercontinente, Asunción, PY. durciane@hotmail.com

1. Introdução

Ao se falar de literatura imagina-se logo no próprio pensar e reproduzir a vida de forma fictícia, na não realidade, na arte como muita gente a desconhece. No entanto, ela é bem mais que ilusão, uma vez que “quem conhece arte amplia sua participação como cidadão, pois pode participar de um modo de interação único no meio cultural” (IAVELBERG, 2003, p. 9). A representação trazida pela arte chega ao ponto de abrir os olhos do leitor e até fazer “previsões” da própria evolução humana. No fazer humano (segundo Sandra Soares Della Fonte (2018, p. 10), o ser humano não nasce humano, ele faz-se humano) o homem cria, recria e imita a natureza e a própria vida humana nas suas criações. E na arte, como uma de suas criações, ele transmite aquilo que vive e imagina em sua realidade concreta.

Concordamos com Aristóteles em sua Arte Poética, quando diz que pertence ao domínio do pensamento tudo quanto se exprime pela linguagem. “Disso fazem parte a demonstração, a refutação, a maneira de mover as paixões, tais como compaixão, o temor, a cólera e as restantes”. (Aristóteles, [s.d.], p. 29,30). Assim, entende-se de forma clara a construção humana, através do pensamento criativo e da expressão pela linguagem, da arte denunciadora, que, como disse o filósofo, demonstra e refuta, além de expor temor por aquilo que vive ou receia viver.

Mais especificamente no ato do fazer literatura, ora o autor cria, ora recria, ora imita através das observações e experiências suas e alheias, mas sempre sobre personagens - não importa a aparência, forma ou lugar - que têm características humanas, prosopopeias. E nessa (re)criação há, além dos amores e anseios advindos dos conflitos com outros, o modo como o ser humano se mantém, isso no que se refere ao que comer, ao que vestir, ao onde e como mora, à relação com a tecnologia que o certa e com outros indivíduos, ao modo de produção e troca de mercadorias, por mais que na maioria das vezes esse não seja o foco dado pelo autor. A forma como se mantém e produz a vida na sociedade tem ligação direta com a consciência, e vice-versa (Maria Ciavatta, 2014, pág. 191)

Analisando a obra Admirável Mundo Novo, de Aldous Huxley, um clássico da literatura universal, pode-se observar formas como esse modo de produção e existência humanas estão se dando no atual sistema capitalista. Poder-se-ia dizer que na obra de Huxley há mais uma representação de um sistema totalitário do que liberal, como o atual existente. Mas sob uma perspectiva mais crítica, podemos

elencar traços fortes advindos do sistema de compra e venda desenfreados do sistema que domina a quase totalidade do globo terrestre.

Para tanto, buscamos, em um primeiro momento, os fatos principais contidos na obra Admirável Mundo Novo; em seguida explicar acerca dos meios de produção fordista e toyotista, que influenciam a produção de mercadorias e o comportamento social; e, por fim, fazer comparações entre a ficção e a realidade para vermos até onde o romance foco desse trabalho retratou e/ou está retratando o modo de vida atual. Buscamos a contribuição criadora artística de Aldous Huxley e a crítica sociopolítica de Istevans Meszaros, Acássia Kuenzer, Dante Henrique Moura, Ricardo Antunes, Gui Debour, e outros críticos do capitalismo no intuito de confirmar como Admirável Mundo Novo, publicado em 1932, não apenas era uma ficção, mas o retrato do por vir.

2. Admirável Mundo Novo: breve contextualização do conteúdo a ser comparado com a realidade atual

Um edifício cinzento e atarracado, de trinta e quatro andares apenas. Acima da entrada principal, as palavras CENTRO DE INCUBAÇÃO E CONDICIONAMENTO DE LONDRES CENTRAL e, num escudo, o lema do Estado Municipal: COMUNIDADE, IDENTIDADE, ESTABILIDADE. (HUXLEY, 2014, pág. 21).

Assim se inicial a obra em destaque, evidenciando o Centro de Incubação e Condicionamento. Admirável Mundo Novo é obra de cunho futurista causadora do estranhamento que só a arte e a mente fértil de grandes criadores são capazes de conceber. O condicionamento metal, a colocação de cada pessoa em castas, sua predeterminação desde a formação antes mesmo de ser feto, e enquadramento na sociedade são focos principais que fazem o leitor imaginar um mundo totalmente diferente do atual.

Passando-se no ano de 632 d.F., depois de Ford, referência clara a Henry Ford e a sua produção em série de automóveis, no caso da obra, da produção em massa de seres humanos, a história, já no primeiro capítulo, mostra uma turma de jovens aprendendo como se dá a reprodução humana, que não é mais sexuada, e sim feita em laboratórios:

- Ao Processo Bokanovsky – repetiu o Diretor, e os estudantes sublinharam essas palavras em seus cadernos.

Um ovo, um embrião, um adulto – é normal. Mas um ovo Bokanovsky tem a propriedade de germinar, proliferar, dividir-se: de oito a noventa e seis germes, e cada um destes se tornará um embrião perfeitamente formado, e cada embrião, um adulto completo. Assim se consegue fazer crescer

noventa e seis seres humanos em lugar de um só, como no passado. Progresso. (HUXLEY, 2014, pág. 24)

Assim se dá a criação humana com o método descrito no enredo de Huxley, e, quanto ao porquê dessa prática, o diretor que está instruindo a classe continua:

Homens e mulheres padronizados, em grupos uniformes. Todo o pessoal de uma pequena usina constituído pelos produtos de um único ovo bokanovskizado.

- Noventa e seis gêmeos idênticos fazendo funcionar noventa e seis máquinas idênticas! – Sua voz estava quase trêmula de entusiasmo. – Sabe-se seguramente para onde se vai. Pela primeira vez na história. – Citou o lema planetário: - “Comunidade, identidade, estabilidade”. – Grandes palavras. – Se pudéssemos bokanovskizar indefinidade, todo o problema estaria resolvido.

Resolvido por meio de Gammas típicos, Deltas invariáveis, Ípsilons uniformes. Milhões de gêmeos idênticos. O princípio da produção em série aplicado enfim à biologia. [...]

- Porque, na natureza, são necessários trinta anos para que duzentos óvulos cheguem à maturidade. Mas o nosso problema é estabilizar a população neste momento, aqui e agora. Produzir gêmeos com o contágio no decurso de um quarto de século, para que serviria isso? (2014, pág. 26)

A predestinação tem, como narrado pelo personagem, o objetivo do controle social através da divisão em castas, já desde a criação nos laboratórios até a ocupação resignada e feliz nas suas ocupações laborais, como exposto na seguinte passagem: “- E esse – interveio sentenciosamente o Diretor – é o segredo da felicidade e da virtude: amarmos o que somos *obrigados* a fazer. Tal é a finalidade de todo o condicionamento: fazer as pessoas amarem o destino social de que não podem escapar” (HUXLEY, 2014, pág. 36).

A respeito de como a casta dos Deltas era condicionada a, psicologicamente, ser impossível amar as flores, o estímulo ao consumo explica porquê:

As flores do campo e as paisagens, advertiu, têm um grave defeito: são gratuitas. O amor à natureza não estimula a atividade de nenhuma fábrica. Decidiu-se que era preciso aboli-lo, pelo menos nas classes baixas; abolir o amor à natureza, mas não a tendência a consumir transporte. Pois era essencial, evidentemente, que continuassem a ir ao campo, mesmo tendo-lhe horror. O problema era encontrar uma razão economicamente melhor para o consumo de transporte do que a simples afeição às flores silvestres e às paisagens. Ela fora evidentemente descoberta. (2014, pág. 43)

Percebe-se, como na sociedade real, que os condicionamentos são voltados ao consumo de bens e serviços, que as pessoas pouco têm de escolha para seus momentos de lazer; que simples passatempos e momentos de descanso são imbuídos no sistema de produção, como observado em “Imaginem que tolice permitir que as pessoas se dedicassem a jogos complicados que não contribuíam

em nada para aumentar o consumo.” (HUXLEY, 2014 pág. 52). Uma vez que as crianças já estão formadas, o condicionamento ao consumismo continua pela hipnopedia, da seguinte forma:

Nos berçários, a lição de Consciência de Classe Elementar havia terminado; as vozes adaptavam a futura procura à futura oferta industrial: “Como eu adoro andar de avião”, murmuravam, “como eu adoro andar de avião, como eu adoro ter roupas novas, como eu adoro...” [...] “mas as roupas velhas são horríveis”, continuava o murmúrio infatigável. “Nós sempre jogamos fora as roupas velhas. Mais vale dar fim que conservar, mais vale dar fim...(2014, pág. 71)

Nota-se aqui que o “treinamento” mental que as crianças recebem para agir em sua individualidade com um gosto próprio, um desejo característico de cada futuro adulto, só seu, é, na verdade, nada mais que a pressão do coletivo sobre cada pessoa. É uma coletivização, uma massificação com aparência de comportamento particular.

Já no que se refere a como era a sociedade antes do estado em que se dá o enredo, existe uma verdadeira desinformação e distorção da história. Os personagens não apenas não conhecem o passado, como são enganadas e estimuladas a ter verdadeiro horror pela forma como as pessoas vivem:

E o lar era sórdido psíquica e fisicamente. Do ponto de vista psíquico, era uma toca de coelhos, um monturo, aquecido pelos atritos da vida que nele se comprimia. Que intimidades sufocantes, que relacionamento perigoso, insensato, obsceno, entre os membros do grupo familiar! Insanamente, a mãe cuidava de seus filhos (*seus* filhos)...cuidava deles com uma gata cuida de seus filhotes...mas como uma gata que falasse, uma gata que soubesse dizer e repetir uma e muitas vezes: “meu filhinho, meu filhinho!...”. E ainda: “Meu filhinho, oh, oh, ao meu seio, as mãozinhas, a fome, este prazer indescritivelmente doloroso! Até que, finalmente, meu filhinho dorme, meu filhinho dorme com uma bolha de leite branco no canto da boca. Meu filhinho dorme...(2014, pág. 59)

Vê-se que, assim como em muitos discursos que falseiam a realidade histórica, a ênfase dada de forma jocosa, desdenhosa ou mesmo asquerosa, traz a sensação de algo que deva ser evitado, de nojo, de coisa inconcebível.

Depois de adultos, as pessoas precisavam de mais um estímulo a permanecerem calmos e aceitarem a realidade em que viviam, daí o uso de uma droga permitida e incentivada pelo próprio governo:

- Seis anos depois, era fabricado comercialmente. A droga perfeita” [...] “– todas as vantagens do Cristianismo e do álcool; nenhum dos seus inconvenientes.” [...] “– Podem proporcionar a si mesmos uma fuga da realidade sempre que desejarem, e retornar a ela sem a menor dor de cabeça nem sombras de mitologia.” [...] – Com um centímetro cúbico se

curam dez sentimentos lúgubres – disse o Predestinador-Adjunto, citando um aforismo comum da sabedoria hipnopédica.(2014, pág. 76, 77)

Nesses trechos fica claro que a ideia de condicionamento está ativa em todas as faixas etárias da vida de todos, a cada dia e em todo momento, seja devido a sua própria formação seja com distrações pontuais e providenciais.

Dentre outras passagens em que se usa como plano de fundo as ações do personagem Bernard Marx, e o desenrolar da trama, Aldous Huxley apresenta características do que a sociedade enfrenta atualmente por meio de condicionamentos, desde criança até a velhice. As propagandas enganadoras e as condicionadoras, a não criticidade, as distorções da história, os programas televisivos e aplicativos para smartphones e drogas lícitas que falseiam a sensação de alegria poderiam ser tidas como ficção, mas são realidade que parecem ter saído das páginas de Admirável Mundo Novo para o mundo real.

Cabe, após saltos de apresentação dessa obra, observar agora como os modos de produção influenciam e controlam o comportamento das pessoas e como e até que ponto se assemelham com o livro aqui estudado.

3. O fordismo/taylorismo: sistema de acumulação rígida

Marx fala que o modo de produção é que determina a sociedade (procurar isso em algum lugar para justificar o uso do fordismo e do toyotismo nesse artigo). Tomando isso como verdade, procuraremos fazer uma breve explanação sobre o sistema fordista/taylorista e o toyotismo, como funcionam e suas implicações sobre o comportamento da sociedade, e o que achamos explanado no livro Admirável Mundo Novo.

Não se pode negar que a fábrica de Henry Ford se configurou como uma das maiores e mais eficientes formas de produção moderna até então vistas, modificando o modo como muitos trabalhavam, sua carga horária diária, o pensamento e a apropriação de conhecimentos necessários ao trabalho naquelas fábricas. Juntamente com a gerência científica de Frederick Taylor, o fordismo se tornou hegemônico como sistema de produção, de organização e distribuição de mercadorias, no caso os carros da Ford. Segundo Ricardo Antunes (2015, p. 35):

Entendemos o fordismo fundamentalmente como a forma pela qual a indústria e o processo de trabalho consolidaram-se ao longo deste século, cujos elementos constitutivos básicos eram dados pela

produção em massa, através da linha de montagem e de produtos mais homogêneos; através do controle dos tempos e movimentos pelo cronômetro taylorista e da produção em série fordista; pela existência do trabalho parcelar e pela fragmentação das funções; pela separação entre elaboração e execução no processo de trabalho; pela existência de unidades fabris concentradas e verticalizadas e pela constituição/consolidação do operário-massa, do trabalhador coletivo fabril, entre outras dimensões.

Foi com essas características que o fordismo predominou, nas palavras do próprio Antunes, na grande indústria capitalista ao longo deste século.

Dante Henrique Moura (2014), por sua vez, elenca três princípios da chamada gerência científica taylorista/fordista, a saber: a dissociação do processo de trabalho das especialidades dos trabalhadores; a separação entre concepção e execução e a utilização do monopólio conhecimento por parte da gerência. Assim, com o que traz expõe Antunes e Dante Moura, pode-se concluir que o trabalhador era aprisionado na sua função contratada e ignorante quanto ao que quer que ultrapassasse seu cargo.

Em relação com Admirável Mundo Novo, tal qual na obra cada pessoa era predeterminada a uma única função dentro da sociedade, no sistema fordista/taylorista de produção o trabalhador exerce apenas um único e repetitivo trabalho. No bitolamento da mesma prática laboral não apenas se torna difícil a mudança e criação de habilidades diferenciadas como sequer há a ideia de mudança. Como a ciência e as atitudes são controladas pela gerência, da forma que afirma Dante Moura, o conhecimento das possibilidades existentes passa despercebido pela maioria das pessoas, da mesma forma ocorre com os personagens da distopia escrita por Huxley. Assim como os personagens da ficção não querem e nem podem mudar sua função social, as pessoas submetidas ao fordismo/taylorismo não conseguem imaginar sua realidade diferente da qual forma colocados, desenvolvidos e acostumados.

O tempo de trabalho, a fragmentação do conhecimento, o controle ou negação intelectual se faz presente no fordismo/taylorismo de tal forma que até os próprios conteúdos e métodos de ensino são focados naquilo que não seria uma formação ampla, de desenvolvimento cultural, mas algo focado. Fez-se forte, portanto, o tecnicismo que

fez com que o papel do professor, especialmente no âmbito da educação profissional, fosse o de instruir seus alunos quanto à forma mais eficiente e eficaz de realizar com maestria determinada tarefa

previamente elaborada por especialistas, reproduzindo na escola o modelo fabril. (MOURA, 2014, pág. 37)

À semelhança das personagens de Admirável Mundo Novo, que nascem e são treinadas desde criancinhas quanto ao que desempenharão durante toda a vida, o tecnicismo como método de ensino adotado como melhor opção do fordismo faz uma “predeterminação” e, por falta de opção para a classe menos favorecida, um cerceamento sobre o que cada indivíduo exercerá como profissão.

4. O toyotismo: sistema de acumulação flexível.

A ascensão do toyotismo trouxe mudanças significativas no modo de produção de mercadorias e prestação de serviços. Antunes (2015) o resume em seus traços constitutivos básicos como sendo produção realizada diretamente pela demanda, variada, diversificada e pronta para suprir o consumo. Ao contrário do fordismo/taylorismo, produz-se apenas o que se pede, não para o estoque.

O modo de agir do trabalhador passa a ser muito diferente: da prática em apenas um ofício, o trabalhador passa a ser pluriprofissional, ou seja, trabalha em mais de uma função, opera mais de uma máquina, é alguém maleável, segundo as necessidades do mercado. Dante Moura (2014, pág. 38) ratifica essa afirmação ao dizer que:

Exige-se, assim, que o trabalhador ao invés de ser especializado em uma única e repetitiva função, passe a ser, como previa Marx no século XIX, mais flexível, mais completo. Deve operar diversas máquinas ou exercer várias funções em uma mesma, e cada vez mais complexa, máquina.

A ideia de completude apresentada por Dante não significa que o homem no toyotismo agora domine os conhecimentos de variadas funções, seja autônomo nas suas escolhas ou conhecedor dos processos científicos do maquinário ou da produção. Ele está mais para o que Acácia Kuenzer (2016, pág. 13) chama de “fragmento vivo de um mecanismo morto (máquina)”.

Assim, embora o modo de produção tenha mudado, e com ele todos os outros ramos da vida humana, as pessoas ainda permanecem condicionadas a um cargo que devem ocupar na sociedade, seja preso a uma única função ou a uma flexibilização que o exige estar a postos para suprir o mercado, para agir conforme a demanda. Fica, pois, o trabalhador à mercê do que o consumo e consumismo pede,

não à sua capacidade laborativa e criatividade por prazer em um trabalho que o satisfaça, mas satisfaça as exigências do capital.

5. Mais críticas sobre o sistema capitalista e comparações com Admirável Mundo novo

Particularmente, ao tratar de forma clara e enfática a negatividade do modo de produção capitalista, seja ela rígida ou flexível, Istvan Mészáros (2008, pág. 44) afirma que os indivíduos são “induzidos a uma aceitação ativa (mais ou menos resignada) dos princípios reprodutivos orientadores dominantes na própria sociedade, adequados a sua posição na ordem social, de acordo com as tarefas reprodutivas que lhes foram atribuídas”.

Vê-se na colocação de Mészáros, e na criação de Huxley, uma total harmonia entre o estado fragmentário do homem sob o capitalismo e as castas da sociedade de Admirável Mundo Novo. No mundo real, a maioria das pessoas nascem e crescem dentro das precárias condições em que se encontram e nelas permanecem a vida toda; em países como o Brasil, por exemplo, isso é evidente. Ou alguém negaria que teriam as pessoas da atualidade condições de mudar, a bel prazer, as condições de classe em que vivem? O que a literatura de Huxley e a realidade mostram é a aceitação, no mínimo tolerância, da vida como tem se mostrado até aqui: desigualdade, ignorância, resignação e, em muitos casos, contentamento com o status quo.

Para que essa aceitação se dê, a sociedade precisa de distrações e alegrias, assim como o “soma” da ficção aqui tratada dá aos personagens. Para tanto, Guy Debord, em A Sociedade do Espetáculo, fala que a mercadoria, como um fetichismo, domina a sociedade, trazendo sensação de alegria, de poder, embora irreal. Em suas próprias palavras:

O princípio do fetichismo da mercadoria, a dominação da sociedade por “coisas suprassensíveis embora sensíveis”, se realiza completamente no espetáculo, no qual o mundo sensível é substituído por uma seleção de imagens que existe acima dele, e que ao mesmo tempo se fez reconhecer como o sensível por excelência. (DEBORD, 1997, pág. 28)

E mais:

A alienação do espectador em favor do objeto contemplado (o que resulta de sua própria atividade inconsciente) se expressa assim: quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos compreende sua própria existência e seu próprio desejo. (DEBORD, 1997, pág. 24)

Pode-se dizer, então, que a distopia de Huxley não está tão longe do atual modo de produção que aliena as pessoas, seja no trabalho, seja no tempo livre, durante a infância ou enquanto adultos. O que se vê é um controle quase que universal pelo consumo e pela submersão em imagens de propagandas e anúncios controladores da liberdade. Há falsa sensação de escolha, de mudança; há, principalmente sobre as classes média e as camadas menos favorecidas, o que não se restringe somente a elas, dominação mental para o consumismo, para o ter, para a compra; verdadeira hipnopédia de Admirável Mundo Novo.

Mészáros (2008, p. 82) ainda enfatiza o estado de alienação dizendo que os indivíduos:

Não podem sequer encontrar a mínima gota de “fundamento neutro de valor” em sua sociedade, muito embora a explícita doutrinação ideológica lhes garanta de forma enganosa o oposto, pretendendo – e convidando os indivíduos a se identificarem “automaticamente” com essa pretensão – que eles sejam plenamente soberanos em sua escolha dos valores em geral, assim como se afirma que eles são consumidores soberanos das mercadorias produzidas capitalisticamente [...] Tudo isso é uma parte integrante da educação capitalista pela qual os indivíduos particulares são diariamente e por toda parte embebidos nos valores da sociedade de mercadorias, como algo lógico e natural.

Kuenzer, citando Guy Debord, ainda acrescenta:

Os valores são criados pelo poder (o capital), que apresenta com universal seus interesses particulares. O controle difuso complementa o controle concentrado, ao induzir a uma falsa liberdade de escolha pela superprodução de mercadorias cada vez mais tecnologicamente sofisticadas, cujo consumo também responde a padrões de comportamento favoráveis ao processo de acumulação. (DEBORD, 2013, apud KUENZER, 2016, pág. 25)

É, pois, o regime de acumulação flexível dando falsas escolhas às pessoas, quando na verdade elas já estão sendo “padronizadas” no seu consumo. “Assim é que, sob o discurso da heterogeneidade, do respeito às diferenças, esconde-se o processo de homogeneização cultural” (JAMERSON, 2006 apud KUENZER, 2016, pág. 25). Homogeneização essa que as castas de Huxley mostram ter com perfeição e aceitação de escolha, quando preferem estar na forma como se encontram, e por não terem escolhas outras a não serem as que lhes são ofertadas.

As pessoas, portanto, assim como no romance estudado, simplesmente não podem escapar dos imperativos do sistema do capital, pois esses lhes são impostos como algo absoluto, como um destino social (MÉSZÁROS, 2008). Resume-se isso em uma palavra: subordinação.

Ainda sobre a falsa ideia de liberdade existente no capital, concordamos com Florestan Fernandes (2020, p. 202) quando diz que:

Guardadas as proporções, o trabalho livre se configura (como ocorreu com o trabalho escravo), do modo mais cínico e brutal, como puro instrumento de espoliação econômica e de acumulação tão intensiva quanto possível de capital. O elemento ou a dimensão humana do trabalho bem como a “paz social” são figuras de retórica, de explícita mistificação burguesa...”

Sobre a transmissão de valores que “legitimam” os interesses dominantes e de como deve haver uma dominação estrutural e subordinação hierárquica e implacável imposta sobre todos para que o atual sistema capitalista seja tido como única alternativa, Mészáros (2008, pág. 36) fala que “a própria História teve de ser totalmente adulterada, e de fato frequentemente e grosseiramente falsificada para esse propósito”.

A história deve então ser reescrita e propagandeada de uma forma ainda mais distorcida, não só nos órgãos que em larga escala formam a opinião política, desde os jornais de grande tiragem às emissoras de rádio e de televisão, mas até nas supostamente objetivas teorias acadêmicas”. (MÉSZÁROS, p. 37)

É a expressão real do enredo de Huxley quando a história serve, sendo modificada de acordo com conveniências, para manter um sistema opressor.

Descartando a ideia da busca desenfreada do capitalismo pelo lucro, não abordado na obra de Huxley, pode-se negar que o sistema capitalista tem mais da distopia desse autor do que muitos têm a coragem de admitir? O controle, as divisões dos seres humanos e a alienação trazidas pela arte literária são mais reais e fortes na sociedade hodierna do que o eram quando Admirável Mundo Novo foi publicado pela primeira vez.

6. Considerações Finais

A arte imita, retrata ou prevê a vida? Não se pode ser pródigo em responder que seja uma das três alternativas como resposta, a não ser dizer que são todas de uma vez. Ela não apenas recria de forma mimética, ou denuncia apresentando estranhamento ao mostrar as coisas como são de forma bela ou feia sob o olhar sensível de um artista, mas também parece conseguir se expressar em uma obra que se tornará, no futuro próximo ou distante, mais atual que na época em que foi produzida. É o caso de Admirável Mundo Novo de Aldous Huxley, publicada em 1932, mas com passagens que parecem ter sido escritas hoje, quase cem anos depois.

A desigualdade social condicionadora de “castas”, a alteração dos verdadeiros relatos históricos e a ilusão de escolha quanto ao como agir e consumir são representadas na obra analisada e, ao mesmo tempo, vistas todos os dias na atualidade. Enquanto uns são direcionados ao comando, outros são cerceados em suas potencialidades e submergidos em treinamentos contínuos para que a sociedade continue injusta como está, para que as oportunidades e informações sejam privilégios de poucos e a ignorância e a pobreza, da massa.

O sistema de produção do capital, seja no modelo fordista/taylorista seja no toytista não abrem espaço para a igualdade do ser em comunidade ou da totalidade do indivíduo particular. A individualidade de escolha, como observado é uma ilusão, pois pode-se escolher diante do que está posto pelo atual sistema, mas não contra ele, tal qual na ficção analisada.

Assim, a grande diferença que encontramos nos pontos estudados da obra e o atual sistema econômico social hegemônico está no fato, de em Admirável Mundo Novo, as pessoas não terem necessidades de comida, de assistência médica, de moradia e de estarem sempre felizes; tudo o que, em resumo, não se pode dizer sobre os efeitos negativos do capitalismo.

Referências

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. 16. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

ARISTÓTELES. **Arte Poética**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1959.

ARISTÓTELES. **Arte Poética**. Domínio Público. [20..]. Livro digital disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000005.pdf>>. Acesso em: 20 mar.2022.

Clavatta, Maria. **Ensino Integrado, a Politecnicidade e a Educação Omnilateral: por que lutamos?** *Revista Trabalho & Educação*, v. 23, n. 1, p. 187–205, 2014. Disponível em: <<https://seer.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/9303>>.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELLA FONTE, Sandra Soares. **Formação no e para o trabalho. Educação Profissional e Tecnológica em Revista**.v. 2, nº 2. Vitória: IFES, 2018, p. 6-19. Disponível em: <<http://ojs2.ifes.edu.br/index.php/ept/article/view/1221/709>> Acesso em: 20 mar.2022.

FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica**. 1. ed. Curitiba: Kottler Editorial, 2020.

HUXLEY, Aldous. **Admirável Mundo Novo**. 22. ed. São Paulo: Globo, 2014.

IABELBERG, Rosa. **Para gostar de arte: sala de aula e formação de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

KUENZER, Acacia Zeneida. **Trabalho e escola: a aprendizagem flexibilizada**. **Anais**. Reunião Científica Regional da ANPED – XI ANPED SUL. Curitiba/PR, 2016. p. 1 – 22. Disponível em: <<http://www.anpedsul2016.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/11/Eixo-21-Educacao-e-Trabalho.pdf>> Acesso em: 20 mar.2022.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008. Disponível em: <<http://www.gepec.ufscar.br/publicacoes/livros-e-colecoes/livros-diversos/a-educacao-para-alem-do-capital-istvan-meszaros.pdf/view>> Acesso em: 20 mar.2022.

MOURA, Dante Henrique. **Trabalho e formação docente na educação profissional**. 1ª edição. Coleção Formação Pedagógica. Volume III. Curitiba: Instituto Federal do Paraná, 2014. <<http://portal.ifrn.edu.br/pesquisa/editora/livros-para-download/trabalho-e-formacao-docente-na-educacao-profissional-dante-moura>> Acesso em: 20 mar.2022.